

O 
Príncipe
da Morte

Amostra

HAFSAH FAIZAL

O →
Príncipe
da Morte

Tradução
Sara Orofino



MORROBRANCO
EDITORA

Rio de Janeiro, 2026

O Príncipe da Morte

Copyright © 2026 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2021 HAFSAH FAIZAL

ISBN: 978-65-6099-087-6

Translated from original We Free The Stars. Copyright © 2021 by Hafsaah Faizal. ISBN 9780374311575. Translation rights arranged by ADAMS LITERARY and Sandra Bruna Agencia Literaria, SL., the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)
(Angela Giordani / CRB 9-1262 / Curitiba, PR, Brasil)

F175 Faizal, Hafsaah.
O príncipe da morte / Hafsaah Faizal; tradução de Sara Orofino. - Rio de Janeiro : Morro Branco, 2026.
592 p. 13,5 x 21cm.

Título original: We Free The Stars.
ISBN 978-65-6099-087-6

Literatura infantojuvenil. 2. Fantasia. 3. Ficção americana. 4. Magia. I. Orofino, Sara. II. Título.

CDD 813

Índice para Catálogo Sistemático

1. Literatura infantojuvenil : Ficção americana 813
2. Fantasia : Literatura infantojuvenil 808.89282

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Coordenadora Editorial: Illysbelle Trajano

Produtora Editorial: Beatriz de Assis

Tradução: Sara Orofino

Copidesque: Leticia Carvalho

Revisão: Denise Himpel

Diagramação: Fernando Ribeiro

Mapa: Virginia Allyn



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



*Para Azraa.
Às vezes amiga,
Às vezes inimiga,
Às vezes feroz,*

Para sempre minha irmã.

Amostra

*A honra precede o coração, disse a garota.
A sensibilidade fomenta a morte, disse o leão.
A destruição acompanha a escuridão, disse o garoto.
O poder provoca dor, disse o rei.
E todos estavam terrivelmente certos.*



Anadil



Abal



Athena



Yadi

Alderamin

Almas

Sharr

Baranseä

RIO ABIA

Pelusia

Zaram

Guljul

Arawiia



Ato 1

Obscura como
a cova vazia

A escuridão corria nas veias dele. Lançava fios de seus dedos e ondulava em cada olhar seu. E quando ele pensava demais, rápido demais, escorria por seus braços em correntes pretas.

O medo se torna você.

O sol a pino movia a sombra de Nasir Ghameq por entre as tábuas do navio de Jinan conforme ele recolocava, pelo que pareceu a milionésima vez desde que saíram de Sharr, a tampa da caixa de madeira. Uma pulsação constante vibrou em seus dedos, emanada dos quatro corações guardados ali dentro. Corações que outrora pertenceram às Irmãs da Antiguidade, fundadoras de Arawiya, que forneciam magia para o reino através dos minaretes reais dos cinco califados, que funcionavam como amplificadores racionando porções de magia para o povo. E até que esses órgãos fossem restaurados, continuaria sem haver magia, como nos últimos noventa anos.

Ainda assim, a magia continuava a existir dentro dele, um detalhe que ele não conseguia manter em segredo por causa das sombras pairando em sua presença.

— O quinto coração não vai aparecer na sua frente, não importa o quanto você olhe. Muito menos ele — disse Kifah, descendo com agilidade do cesto da gávea. O bracelete em seu antebraço reluziu, o brasão das lanças cruzadas, um lembrete de quem ela costumava ser: uma das guerreiras da Nona Elite que protegiam o califa de Pelúsia. Angustiado, Nasir percebeu que esperava pela resposta de um certo general de cabelos dourados às palavras rápidas dela. Algo bobo, ou sagaz, seguido por *Integrante da Nona*, um apelido adorável.

O silêncio que ecoava era tão alto e perturbador quanto a batida das ondas do Baransea.

Nasir foi até Jinan. O corte em sua perna, cortesia de um ifrit na ilha de Sharr, obrigava-o a mancar pelo navio.

— Estamos navegando há dois dias. Por que toda essa demora?

Do leme, a garota zaramese estreitou os olhos para ele. Cachos escuros rebeldes escapavam das dobras de seu turbante xadrez, e o tecido lançava um brilho avermelhado em seus olhos castanhos.

— *‘Anqa* é o navio mais rápido que existe, Vossa Alteza.

— Não que *existam* muitos outros navios, criança — comentou Kifah.

Por segurança, Nasir escondeu a caixa de madeira com os corações em um cantinho perto dela. Jinan franziu a testa.

— Não sou uma criança. *‘Anqa* significa “fênix”. Aquele pássaro imortal feito de fogo, sabe? Que tem o nome da minha estrela favorita. Meu pai...

— Ninguém se importa — interrompeu Nasir, segurando-se na madeira bruta enquanto o navio balançava.

Jinan soltou um suspiro exagerado.

— Quanto tempo falta?

— Cinco dias — declarou ela, mas seu orgulho murchou diante do olhar fulminante de Nasir. — O quê? Por acaso o navio de Vossa Alteza demorou seis dias, no máximo? Perdoe-me, mas não tenho o poder do sultão ao meu dispor.

— Meu navio — começou ele, devagar — demorou menos de dois dias para chegar a Sharr, e ainda tivemos que derrotar o dandan no meio do caminho.

Jinan assobiou.

— Então vou precisar dar uma olhada nos desenhos desses navios quando chegarmos ao palácio extravagante. Qual é a pressa?

A irritação inflamou sob sua pele, e uma faixa de sombra se desenrolou nas pontas de seus dedos. Jinan encarou a cena. Kifah fingiu não reparar, o que só o irritou ainda mais.

— Você terminou a escola?

Jinan semicerrou os olhos.

— O que isso tem a ver?

— Se tivesse terminado, entenderia a gravidade da situação ao me ouvir dizer que o Leão da Noite está vivo — disse Nasir, e o assassino dentro dele se regozijou com o medo que arregalou os olhos dela. Ele não contou para a garota sobre o coração que o Leão havia roubado. Não se importava com isso, nem mesmo com a magia. Não tanto quanto se importava com Altair, mas ela não entenderia. O próprio Nasir não entendia a urgência estranha em seu sangue, a preocupação com outro ser humano que achava ter desaparecido junto com a suposta morte de sua mãe. — Você acha que Benyamin tropeçou em uma pedra e morreu?

Jinan virou o rosto, franzindo a testa de novo. Kifah se recostou no mastro com os braços cruzados, observando-o.

— Vamos encontrá-lo.

Ela não estava falando de Benyamin.

— Não estava preocupado com isso — respondeu Nasir, sem encará-la.

— Não, claro que não — zombou Kifah, a voz arrastada. — Só estou lembrando a mim mesma em voz alta que é o Altair e ele consegue se virar sozinho. Ele poderia tagarelar tanto, que o Leão imploraria para o aceitarmos de volta. Eu não ficaria surpresa se o Leão abandonasse aquele tolo em algum lugar, com uma placa escrito: “Ele é todo seu”.

Era mentira, e ambos sabíamos. A incerteza soava dolorosamente clara em sua voz sempre tão firme.

Nasir olhou para além do mar, para a ilha de Sharr. Uma parte dele esperava ver outro navio ao encalço deles, tão sombrio e assustador quanto o próprio Leão. Quinze dias antes, Nasir estivera pronto para matar Altair, ou *qualquer um* em seu caminho. Agora, porém, quando fechava os olhos, via os raios ofuscantes de luz que se estendiam das palmas abertas de Altair. Via as pontas afiadas do cajado preto do Leão se projetando do coração de Benyamin.

Sacrifício, murmurara Benyamin. Um sacrifício não passava de uma farsa romantizada da morte. Nasir sabia. Nascera para a morte e a escuridão, e era difícil ter um coração quando fizera o de tantas outras pessoas pararem de bater. Era

difícil fazer o bem já que a sombra de seus erros o encobriria para sempre.

Em algum lugar de Sharr, seu coração voltara a bater, e ele pretendia mantê-lo assim. Pretendia manter uma postura digna dessa batida, mesmo que isso significasse restaurar a magia que havia destruído sua família.

Ele começaria resgatando Altair e derrotando o Leão.

Ele olhou para Jinan.

— Cinco dias é muito tempo. Vamos fazer em três.

Jinan ficou indignada.

— Isso é impossível...

Nasir já se virara na direção dos degraus que levavam ao convés inferior.

— Faça a viagem em três dias, e eu dobro a prata de Benyamin.

De imediato, a jovem capitã começou a gritar. O caos irrompeu pelo navio quando sua tripulação heterogênea se apressou a obedecê-la, a entonação rouca dos zarameses combinando com o mar agitado. Ele não sabia o que a garota faria com tantas moedas, mas não se importava muito. O trono tinha de sobra para gastar.

Nasir desceu os degraus mancando. Três dias ainda era um tempo muito longo. Agora que o Leão não estava mais preso à ilha, não havia motivos para ele ficar lá, em especial quando o Jawarat — a chave para o que ele mais desejava — estava cada vez mais distante dele. A zumra precisava chegar à costa antes do Leão ou seus problemas seriam infinitamente piores. E se havia alguém que poderia acelerar aquela jornada, esse alguém não era uma garota mortal de Zaram.

O cheiro de óleo queimado impregnava o ar salgado dentro do navio. Lamparinas tremeluziam enquanto Nasir passava pelas cabines coladas umas às outras como uma boca cheia de dentes, com as camas aparafusadas e o resto da mobília avulsa criando sombras na penumbra, fazendo-o se lembrar do palácio.

Sua respiração vacilou e de repente ele estava parado diante de Ghameq, contando sobre a missão. Como ele havia falhado

ao não matar o general do sultão. Ao não matar a Caçadora. Ao não recuperar o Jawarat.

Falhas, falhas e mais falhas.

Nasir afastou esses pensamentos. Agora era diferente, lembrou a si mesmo. A ligação entre ele e seu pai havia se emaranhado, entrelaçada à vida de muitos outros. Zafira, Altair, Kifah, sua mãe, e o mais importante, o Leão da Noite, que havia cravado as garras em Ghameq, controlando cada movimento seu.

Olhou de relance para o fim do corredor, onde a cabine de Zafira parecia se destacar, fora de alcance.

Durante suas aparições raras no convés, ela estava sempre abraçando o Jawarat contra o peito, o olhar distante e alheio. Nasir ficava preocupado ao ver o gelo em seus olhos desaparecer e se transformar em outra coisa, mas, covarde como era, não conseguia se aproximar dela. E conforme a insanidade dos últimos momentos em Sharr ia ficando para trás, ele não sabia como deter a distância que crescia depressa entre eles.

Nasir parou a fim de descansar a perna, apoiando-se em uma viga quebrada. A Bruxa de Prata — *sua mãe, rimaal* — escolhera uma cabine tão distante quanto a de Zafira. Quando enfim chegou à porta dela, um brilho escuro no assoalho o fez parar.

Sangue?

Ele tirou a luva e tocou a mancha com dois dedos, levando-os até o nariz. Acre e metálico. Com certeza era sangue. Ele limpou os dedos no manto e ergueu o olhar, seguindo o rastro irregular.

A trilha desaparecia atrás da porta da última cabine: a de Zafira.

O poder sangrava dos ossos dela. Escoava por sua alma, borras escorrendo para algum abismo invisível. Esvaziando-a. Zafira Iskandar havia se aventurado pela floresta amaldiçoada conhecida como Arz durante toda a vida, a magia penetrando aos poucos sua pele, sempre ali, ao alcance.

E agora havia desaparecido.

Estava guardada em uma caixa de madeira, enfiada em um cantinho apodrecido ao lado de uma zaramesa cheia de si. O Jawarat ecoava seus pensamentos raivosos.

— Eu planejava destruir esse livro depois que a magia fosse restaurada. — Anadil, a Bruxa de Prata, Sultana de Arawiya e Irmã da Antiguidade, crispou os lábios para o livro verde no colo de Zafira. A lamparina lançava sombras em alguns ângulos de seu rosto, fazendo o cabelo branco cintilar com reflexos dourados. A cabine de Zafira pareceu encolher diante daquele esplendor.

Ela não gosta de nós, lembrou o Jawarat.

Zafira não se assustava mais ao ouvir sua voz. Não se parecia nem um pouco com aquele sussurro suave que certa vez a acariciou nas sombras perto de Arz. Aquele que pensou pertencer a um amigo, antes de descobrir que pertencia ao Leão da Noite.

Não, essa voz era direta e exigente, mas ainda assim preenchia o vazio que a magia deixara para trás, então ela não podia reclamar.

Não, ela não gosta.

Em vez disso, Zafira passara a responder à voz.

Depois de todo o esforço que Zafira enfrentara para recuperar aquela coisa abandonada, não iria permitir que uma bruxa desdenhosa a destruísse. Céus, será que foi por isso que a mulher veio até sua cabine?

— Você tem medo dele.

— O Jawarat são as lembranças encarnadas das minhas Irmãs — respondeu a Bruxa de Prata, encarando-a com um olhar altivo da cama. Agora que Zafira sabia que ela era a mãe de Nasir, conseguia perceber a semelhança entre eles naquele olhar. — Por que eu deveria temê-lo?

Ela não sabe. Não faz ideia do que descobrimos em Sharr.

O eco em seus pulmões era uma ordem de silêncio e também um lembrete: *Zafira* nem sequer sabia a extensão do que havia descoberto sobre Sharr, ao cortar acidentalmente a palma da mão e se prender àquele livro. Porque o Jawarat era mais do que apenas as lembranças das Irmãs.

Ele estivera confinado em Sharr durante noventa anos com o Leão da Noite. Ali também havia algumas das lembranças dele, e a Bruxa de Prata não tinha nem ideia. *Ninguém* tinha.

Conte para eles. Diante da presença imponente do Jawarat, a consciência de Zafira mal passava de um sussurro, mas não era por isso que ela não lhe dava ouvidos. Simplesmente *não conseguia*. Não conseguia contar a eles sobre o Jawarat, assim como não conseguia contar sobre a escuridão que certa vez falara com ela. O medo distorcia quaisquer palavras em que pensava. Zafira tinha medo deles. Medo de como os outros a enxergariam.

Já fora julgada durante muito tempo apenas por ser mulher.

— Mas precisamos dele — disse Zafira por fim, suavizando as feições. O baú em que estava sentada havia sido pregado ao navio, mas seu estômago se revirava com as ondas. — Para *restaurar* a magia.

— Sou uma Irmã da Antiguidade, garota. Eu sei como a magia deve ser restaurada. É o livro que conheço pouco, pois foi criado nos momentos finais de minhas Irmãs, em sua última tentativa de triunfar sobre o Leão.

E conseguiram. Não foram fortes o bastante para destruí-lo, mas conseguiram prender o Leão em Sharr e criaram o Jawarat. Do ponto de vista de Zafira, o livro fora criado por um único motivo: abrigar suas lembranças para que um dia conhecessem sua história. Para responder por que a magia havia sido

cortada de Arawiya naquele dia fatídico, por que elas morreram, e o mais importante, onde estavam seus corações.

— A retirada dos corações dos minaretes deixou Arawiya sem magia, mas o feitiço que aprisionou o Leão precisou de tanto poder que amaldiçoou o reino, sugando a energia de todos os califados e causando destruição. Em Demenhur passou a nevar. Sarasin ficou mergulhada em escuridão. Sharr ficou congelada no tempo — explicou a Bruxa de Prata, percebendo a surpresa de Zafira. — De fato, a expectativa de vida se estendeu além da razão. A morte se tornou um desejo impossível. Ao libertar o Jawarat e os corações, você libertou Arawiya e aqueles que estavam presos na ilha. Eles enfim receberam a paz que tanto procuraram.

— Então os kaftar... — Zafira se interrompeu no meio da frase, cutucando a franja do lenço em volta do pescoço. Não gostara muito dos olhares lascivos que os homens que podiam se transformar em hienas lhe lançaram, mas eles vieram socorrer a zumra. Ajudaram a lutar contra a horda de ifrits do Leão.

— Estão mortos.

Zafira suspirou. Por quanto tempo alguém precisava viver até que a morte se tornasse um desejo?

Os gritos de Jinan ressoavam no silêncio, e o quebrar das ondas abafava o farfalhar dos pés no convés. Seu acordo com Benyamin os levaria somente até a Fortaleza do Sultão, mas estavam indo em direção ao continente, perto o bastante de Demenhur para fazer o sangue de Zafira ferver.

— Se você sabe como restaurar a magia, então não vai precisar de mim — disse ela. *Ou do livro.* — Posso voltar para casa.

Zafira havia abandonado tudo o que conhecia pela magia. Viajara pelo Baranseá. Caminhara pela ilha maligna de Sharr. Isso, porém, foi antes de o tempo e a distância terem despertado um anseio insaciável que estava entrelaçado ao medo.

Porque precisaria encarar Yasmine.

— Retornar para o quê? — perguntou a Bruxa de Prata, sem um pingo de empatia. — A floresta de Arz não existe mais. Seu povo não precisa de uma caçadora.

As palavras dela eram pragmáticas, racionais. *Cruéis*. Deixaram Zafira exposta, reduzindo-a a um insignificante grão de areia na vastidão do deserto. Desolada, ela levou a mão ao anel em seu peito...

E logo a baixou, pousando-a sobre o Jawarat, acariciando os sulcos de sua lombada. Quase que de imediato, uma sensação de paz a preencheu. Algo que acalmou sua inquietude.

— As páginas irão derreter quando eu tomar banho? — perguntou. Fios de tristeza permaneciam nas extremidades de sua mente, distantes demais para serem agarrados. Ela não conseguia mais se lembrar de estar triste. Ou da razão desse sentimento. O Jawarat ronronou.

A Bruxa de Prata fez uma pausa.

— Às vezes esqueço que você é apenas uma criança.

— O mundo rouba infâncias — disse Zafira, pensando na tigela de Baba em suas mãos, quando ainda eram macias. Em Lana, passando um pano quente na testa de Umm. Em Deen, um fantasma depois que seus pais se tornaram corpos em mortalhas.

— Rouba mesmo. O Jawarat é uma criação mágica, imune aos elementos, do contrário, teria se transformado em pó durante a primeira década em Sharr. A força vital dele, porém, agora está ligada à sua, porque você se vinculou a ela como uma tola. Arranque algumas páginas, e você pode acabar perdendo algum membro do corpo.

Zafira não pediu para ser ligada ao livro. Foi a Bruxa de Prata quem pedira a uma *criança* para partir naquela jornada. Era culpa dela que Zafira agora estivesse ligada a um livro velho, e ela nem havia *precisado* de Zafira para aquela busca. Bastava alguém forte o bastante para resistir ao controle do Leão. Ao contrário da própria Bruxa de Prata, que se apaixonara mais perdidamente do que qualquer um deles podia imaginar.

Zafira estivera certa de que Sharr lhes dera revelações o suficiente para durar uma vida inteira, mas aquilo foi antes da pergunta mordaz de Kifah. Antes de descobrirem que Altair era filho do Leão e da Bruxa de Prata. Era estranho, mas, saber sobre essa linhagem só a fez gostar *mais* do general.

Ela mordeu a língua.

— E não há como desfazer esse vínculo?

— Mate-o — respondeu a Bruxa de Prata, como se Zafira já devesse saber disso. — Perfure o centro do livro com uma adaga, e estará livre dele.

— Quanta gentileza — resmungou Zafira. — Também estarei “livre” de todo o resto.

Ela passou os dedos sobre o couro verde, o polegar traçando a juba de fogo do leão impressa no meio. A Bruxa de Prata apenas murmurou, observando a garota que conhecia o Leão quase tão bem quanto ela.

Ela tem inveja de nós.

Zafira começou a concordar, mas logo trincou a mandíbula diante dos sussurros do Jawarat. Talvez sejam infundados, percebeu ela. Por que uma Irmã da Antiguidade invejaria uma garota mortal?

Vamos nos acertar com o tempo.

Seja lá o que isso significasse.

Ela deu um pulo quando as duas lamparinas se chocaram com um baque súbito. Sua aljava caiu, as flechas se espalhando e a poeira espiralando como as areias de Sharr. A Bruxa de Prata não se mexeu, embora Zafira tenha reparado na tensão de seus ombros, tão diferente da postura lânguida da imortal. De repente, a porta se abriu, revelando uma silhueta no corredor.

Zafira reconheceu o cabelo bagunçado, a quietude absoluta que vira somente em cervos antes de disparar uma flecha fatal.

Um manto de escuridão seguiu o príncipe herdeiro de Arawiya até o interior da cabine. Ele estava tranquilo, como sempre. Quase despreocupado, se ninguém reparasse com mais atenção em seus movimentos deliberados. Seu olhar cinzento percorreu a cabine pequena, e Zafira não conseguiu impedir que seu coração acelerasse quando aqueles olhos se fixaram nos dela.

E desceram até sua boca por um brevíssimo instante.

— Está machucada? — perguntou Nasir, com aquela voz que se confundia com as sombras, suave e exigente. Havia, porém, uma tensão presente, um desconforto que a deixou

plenamente consciente de que Bruxa de Prata observava cada segundo daquela interação.

Certa vez, Zafira entendera o contexto por trás daquela pergunta. Quando ela mesma era um recurso valioso que precisava de proteção. Uma bússola guiando o caminho de destruição dele. Qual era o motivo daquela preocupação agora que já haviam recuperado o que procuravam, tornando o propósito dela — em Sharr, em Demenhur, céus, naquele *mundo* — obsoleto?

Antes que Zafira recuperasse a fala, Nasir se virou para encarar a Bruxa de Prata e gesticulou para uma trilha escura no assoalho que não estivera ali antes. Os dedos dele estavam manchados de vermelho.

— Então é por isso que o navio não está indo mais rápido.

As ondas quebravam no silêncio.

— Consigo fazer as tarefas mundanas que qualquer miragi faz — respondeu a mãe dele por fim —, mas o tempo é uma ilusão que exige concentração e força, e não tenho nenhum dos dois no momento.

— E por que não? — O tom dele era impaciente, as palavras, bruscas.

A Bruxa de Prata se levantou, e apesar da altura de Nasir, tudo encolheu diante dela. Ela abriu a capa e mostrou o vestido vermelho, rasgado e sujo de sangue.

Zafira ficou de pé num pulo.

— A adaga preta do Leão. Em Sharr.

Abaixo do ombro direito da bruxa havia uma ferida aberta, que ela sofrera ao proteger Nasir. Era um círculo preto infeccionado, quase como um buraco entalhado.

— A própria — respondeu a Bruxa de Prata, e outra gota de sangue escorreu por seu vestido encharcado. — Não se sabe se existe cura para uma ferida infligida por minério amaldiçoado. Os curandeiros antigos moravam isolados no arquipélago de Hessa, e se algum deles ainda estiver vivo, é a minha única esperança.

— E quanto a Bait ul-Ahlaam? — questionou Nasir.

Zafira traduziu do antigo safáitico. *A Casa dos Sonhos*. Nunca ouvira falar disso.

— Quando chegarmos à Fortaleza do Sultão, você pode atravessar com facilidade o estreito e encontrar o que precisa lá.

— A que custo? Não vou pôr os pés naquele lugar — respondeu ela, mas Zafira escutou as palavras não ditas: *de novo, não*. A bruxa estivera lá antes, e ficou claro que o custo não teve nada a ver com dinares.

Não era fácil desestabilizar a Bruxa de Prata, por isso, o brilho de raiva em seu olhar e o franzido que repuxou o canto de seus lábios eram estranhos. Evidentes.

— Então você irá nos deixar — disse Nasir, e Zafira estremeceu diante de sua indiferença cruel.

— Serei um recipiente ambulante de magia. Sem utilidade para você, mas muito útil para o Leão, quando ele inevitavelmente colocar as mãos em mim — respondeu a Bruxa de Prata.

— Com o meu sangue e o conhecimento dele sobre dum sihr, nenhum lugar em Arawiya estará seguro. Há limites para o que ele pode fazer com os meus filhos meio si'lah.

Nasir baixou o olhar para as próprias mãos, onde fios pretos espiralavam, entrando e saindo de sua pele. Era quase como se estivessem respirando. As sombras dele não desapareceram como acontecera com o senso de direção de Zafira. Ele não precisava da magia dos corações quando podia alimentar a própria magia. Não precisava sofrer com o mesmo vazio que ela sofria.

Algo ruim surgiu dentro dela, sufocando seus pulmões, e naquele pânico, Zafira quase derrubou o Jawarat. Tão rápida quanto veio, a raiva sumiu e sua pulsação desacelerou.

O que... A respiração dela estava trêmula.

— Essa confusão começou por sua causa. — As palavras de Nasir eram muito frias, e ela precisou lembrar a si mesma de que ele estava falando com a mãe, não com Zafira. — Deixamos Altair cair nas mãos do Leão por culpa sua.

A Bruxa de Prata o encarou nos olhos.

— Houve um tempo em que a dureza do seu olhar era dirigida a outra pessoa. Quando você olhava para mim com amor, ternura e carinho.

Nasir não respondeu, mas, baseado nos fios de escuridão que escorriam de seus punhos cerrados, as palavras atingiram

o alvo. Zafira sabia que ele a amava. Era por isso que as palavras dele carregavam tanto ódio.

— Eu te ensinei tudo o que você sabe — disse a mãe dele com delicadeza. — Ainda temos tempo... vou te ensinar a controlar a escuridão. A fazer as sombras se curvarem diante da sua vontade.

— Assim como ensinou para ele?

O silêncio ressoou como um rugido. Nasir não esperou para ouvir o resto. Virou-se e foi embora mancando, as sombras em seu encalço. Zafira decidiu segui-lo, tomando cuidado para não olhar para ele, pois sabia muito bem que o escrutínio da Bruxa de Prata não deixava nada passar.

— Ouça bem, Caçadora — alertou a Bruxa de Prata. — Sempre carregue uma adaga e uma bondade. Você nunca sabe de qual delas precisará.

Zafira sentiu certa emoção naquele tom.

— E você não pode voltar para casa.

Determinação. Foi isso que sentiu. Algo que a arrancava daquela sensação deprimente e arrasadora de ser um nada.

— Se voltar, sua jornada inteira até Sharr, incluindo a morte do seu amigo, o assassinato de Benyamin e o sequestro de Altair, terá sido em vão.

Talvez a bruxa soubesse desde sempre que alguém com a rara inclinação de encontrar seja lá o que seu coração desejasse, uma dáira, não era necessário para aquele serviço. Talvez ela tenha visto em Zafira o que Zafira não conseguia ver nela, mas que sabia ser verdade por causa das lembranças do Jawarat. Alguém igual à própria Zafira, guiada por um coração bom e intenções puras, até ser vítima de uma lábia persuasiva.

— Os corações estão morrendo. São órgãos removidos de seus corpos, e estão se deteriorando neste exato momento. Devolva-os aos minaretes ou a magia desaparecerá para sempre.

De acordo com sua filosofia de vida, lembrar o passado antecedia as rugas. Ainda assim, algemado e jogado no porão úmido do navio, Altair al-Badawi não tinha outra coisa para fazer.

Passara a maior parte da vida competindo pelo amor da mãe, tentando compensar a curva de decepção em seus lábios sempre que ela se virava para ele. Embora não tenha demorado muito para compreender que ela o enxergava como o ápice dos próprios fracassos, foi somente em Sharr que ele entendeu a profundidade desse sentimento: que ela era uma Irmã da Antiguidade e o motivo de a magia ter desaparecido, que ela havia...

Altair franziu o cenho e interrompeu o pensamento.

Não era sempre que alguém descobria ser o filho do Leão da Noite.

O sol se arrastou pela janela minúscula, marcando dois dias desde que trabalhara com os ifrits para resgatar o navio em que agora navegavam. E ao longo desses dois dias, ele recebeu comida e uma cadeira para se sentar. Nada mal para um prisioneiro.

Se ao menos não estivesse sendo ordenhado como uma cabra premiada.

De vez em quando, um ifrit aparecia e o acorrentava à parede, deixando-o imobilizado, antes de cortar sua mão para encher uma caneca para o Leão beber. Altair detestava ser o combustível para o dum sihr de seu pai, uma magia proibida que permitia que alguém fosse além de seu próprio parentesco. Talvez pior do que as correntes e a sangria, porém, eram as algemas, estendendo-se por pelo menos um quarto dos antebraços e reprimindo seu poder. Eram feitas de minério preto pesado, forjado com palavras escritas na antiga língua safáitica.

O repuxar estranho em suas veias cobrava seu preço. A mente estava mais devagar, um pensamento mais preocupante do que a perda da força física, pois significava que o Leão sempre estaria um passo à frente dele.

Laa. *Meio* passo.

Uma tranca se abriu, e ele voltou a se jogar na cadeira velha, colocando os pés em cima da mesa gasta, apesar do retinir das correntes. Quando o Leão da Noite entrou no porão, suas narinas dilatadas agradaram bastante Altair.

— Sua horda é lenta — anunciou Altair, como se falasse com seus homens uniformizados. Não era porque estava acorrentado que precisava sacrificar sua dignidade. Os ricos ostentavam correntes o tempo todo. — Não estamos nem perto da costa, e com a Bruxa de Prata ao lado de Nasir, espiralando ilusões assim como você faz com as sombras, eles com certeza alcançarão o continente antes de você. O tempo é apenas outra miragem que ela pode distorcer. E quando atracarmos no lugar em que você planeja, meu irmão estará à sua espera.

Foi somente ali que o discurso de Altair vacilou.

Seu meio-irmão era o mesmo Príncipe da Morte que ele acompanhara até Sharr, perfeitamente ciente de que as ordens dele eram de enterrar Altair naquela ilha abandonada. Em vez disso, o irmão o deixara para trás.

Nasir e a zumra, estranhos que se transformaram em uma família, deram-lhe as costas e fugiram, abandonando Altair ao inimigo. Laa, ele não sabia com certeza se seu irmão estaria esperando.

Havia uma coisa, porém, que Altair fazia melhor do que parecer impecável: blefar.

— Sua liberdade, Leão, será curta — concluiu Altair, pouco convincente. Akhh, a coragem era, de certa forma, uma sedutora volátil.

O Leão lhe deu o fantasma de um sorrisinho afetado que o próprio Altair já lançara vezes demais. *Tal pai, tal filho*. Era desconcertante pensar que aquele homem era seu pai quando ele mal parecia ser um dia mais velho que Altair. Por outro lado, ele mesmo tinha 90 anos, o tempo exato que Arawiya

ficou sem magia. Era quatro vezes mais que a idade de Nasir e, sendo bem humilde, ele diria que parecia um ano mais novo que aquele rabugento.

— Por onde devo começar? — perguntou o Leão. — Anadil morrerá em três dias.

Talvez ele conseguisse blefar tão bem quanto Altair.

— Depois, quando seus amigos chegarem à costa, você e eu roubaremos o Jawarat e os outros corações. — O Leão inclinou a cabeça. — Sabe, eu penso a longo prazo, Altair. Algo que você pode achar familiar.

O pensamento a longo prazo de Altair nunca fora usado em benefício próprio ou para uma ambição incompreensível. Reúna um grupo, restaure a magia. Um plano simples traçado por ele e Benyamin, e que se tornou mais complexo a cada dia que passava.

Recusava-se a acreditar que sua mãe estava morrendo. Recusava-se a acreditar que a zumra estava em desvantagem numérica, não quando assegurou que houvesse aliados esperando por eles na Fortaleza do Sultão com dum sihr para proteger sua localização. E havia mais: Nasir tinha magia. Zafira tinha o poder do Jawarat ligado ao seu sangue.

Tinha de ser o suficiente. Pela primeira vez em muito tempo, Altair teve que se lembrar de respirar.

— Por quê? — perguntou. Era isso que ele não conseguia entender: a motivação do Leão. Altair se recusava a acreditar que alguém que compartilhava seu sangue podia ter apenas fome de poder. Sinceramente, não havia motivação mais tediosa.

O olhar de seu pai congelou, um brilho âmbar preso em vidro, que desapareceu antes que Altair pudesse compreendê-lo.

— Vingança — respondeu o Leão, mas seu tom era o de costume. Sem crueldade, sem vigor. Apenas hábito. — E mais, é claro. Precisamos de ordem. A magia deve permanecer nas mãos dos habilidosos. Você acha que o povo entendia a grandiosidade do que as Irmãs da Antiguidade ofereceram com tanta liberdade?

Igualdade. Era isso o que as Irmãs da Antiguidade deram a Arawiya, apesar de seus erros.

— Akhh, a criatividade dos homens quando se trata dos próprios vícios — murmurou Altair, nada surpreso. “Ordem”, naquele caso, era apenas outra palavra para “ambição”. — Se esse, porém, é o verdadeiro motivo pelo qual deseja a magia, então você, em seu infinito desejo pelo conhecimento, já deve conhecer aquele velho ditado: “A magia é para todos ou para ninguém”. Não existe meio-termo.

A não ser que a pessoa fosse si’lah, como a Bruxa de Prata. Como parte de Altair e parte de Nasir. Outra revelação que descobrira em Sharr. Havia passado a vida inteira acreditando que era apenas safi, acreditando que *Nasir* era meio safi, apesar das orelhas redondas do garoto.

Parece que Altair deveria agradecer por não ser muito parecido com o pai — o homem sequer tinha coração. O Leão abriu a porta que levava ao convés superior. Era estranho que ele viesse ver Altair tantas vezes e, ao que parecia, sem motivo algum. Seu thobe escuro capturou um brilho tênue de roxo naquela luz fraca, e apesar de ser quem era, uma parte de Altair não queria que ele fosse embora.

O silêncio era alto demais, e os fantasmas muito reais.

A boca de Altair se abriu sem permissão.

— Você lamenta a perda dele?

Era de pouca importância para os mortos como os vivos se sentiam, mas quanto mais tempo passava sozinho, mais ele pensava em seu irmão do coração.

— Sei tudo sobre os safis influentes do círculo de amizade de Benyamin — continuou Altair, mesmo que as palavras dilacerassem seu coração antigo. — Ele te acolheu no bando dele contra a vontade de todos, e você o assassinou com minério amaldiçoado. Você sabe exatamente quanta dor ele suportou naqueles momentos finais.

O Leão se virou, frio e reflexivo. Como se já estivesse esperando Altair falar.

— Ele não devia ter tentado salvar alguém que não vale nada.

Benyamin nunca gostara de Nasir. Mesmo durante os anos de planejamento, quando o objetivo de Altair era colocar Nasir no trono, Benyamin havia sido contra. Em algum lugar da ilha,

aquele pensamento mudara. A ponto de o safi ter decidido que Nasir valia o sacrifício de sua própria imortalidade.

— Você realmente não tem coração — disse Altair, com uma risada cansada.

O Leão abriu um sorriso sarcástico.

— Eu precisaria de um coração para refutar esse comentário.

Por um longo momento, ele encarou Altair, que o encarou de volta.

— Os mortos não sentem dor — disse ele com delicadeza, e os olhos de Altair se fecharam por vontade própria. Talvez tenha sido essa demonstração de sentimentos que fez seu pai continuar. — Por outro lado, seus amigos sabiam bem a dor que você sentiria quando te deixaram. Você deu seu pequeno show de luzes, salvou todos eles, e para quê? Como se sente por ter sido abandonado?

Altair enrijeceu. Gostava de pensar que estava preparado para tudo. Aquele, porém, ainda era um assunto bastante delicado. Ele soltou uma risada, uma das muitas à sua disposição.

— Você quer que eu converse sobre sentimentos.

Os olhos do Leão reluziram e o navio balançou, o rangido baixo do balançar das cordas assombrando no silêncio.

— Se existe alguém capaz de compreendê-los, seria seu pai.

— Me sinto lisonjeado — disse Altair, devagar, sacudindo as correntes. Na primeira noite, ele enchera aquele lugar de luz, antes de descobrir o que as algemas faziam com ele. — Mas isso não é jeito de tratar o seu filho.

O Leão apenas olhou para ele.

— Eles te abandonaram, Altair.

Altair comprimiu os lábios. Não lhe daria a satisfação de uma resposta, mas o Leão, assim como o filho, era determinado.

— Sabendo que eu seria seu único refúgio.

Altair não precisava fechar os olhos para vê-los correndo até o navio, a areia se agitando atrás deles. Nasir. Zafira. Kifah. Sua mãe, que nunca o amara. Eles não o procuraram nem uma vez.

Nem quando a distância entre eles aumentou.

Nem quando levantaram a âncora do navio de Benyamin.

— Pegaram o que precisavam e deixaram o resto — continuou o Leão, com aquela voz de escuridão aveludada, enquanto Altair mordida a língua para não retrucar. — Sem olhar para trás.

Nem mesmo quando o forçaram a se ajoelhar, com as sombras lhe envolvendo a garganta.

— Até deixaram o corpo de Benyamin.

Por fim, Altair perdeu a compostura.

— Eu estava lá. Não preciso reviver a cena.

O Leão não sorriu. Não se vangloriou. Não, ele olhou com empatia para Altair, como se entendesse sua dor. Então saiu e o deixou no escuro.

Altair tirou os pés da mesa e colocou a cabeça entre as mãos.

A morte começou com um retinido antes do amanhecer. O barulho logo se tornou ensurdecedor, e o porão estremeceu com tanta força, que os dentes de Zafira corriam risco de cair. As lamparinas balançavam, lançando sombras que pareciam a zumra cambaleando para a morte. Os corações viraram pó.

Ela jogou o Jawarat na bolsa, juntou as flechas na aljava e correu escada acima, quase tropeçando no caminho. Era como se ela só conseguisse pensar com clareza quando o livro não estava em suas mãos.

Zafira havia passado os últimos três dias folheando aquelas páginas gastas, tentando se concentrar no antigo safáitico, mas falhando miseravelmente, o que a fez pensar que o livro *não* queria ser lido. Queria ser segurado, ter suas páginas abertas, e as curvas adornadas e os i'jam pontilhados entre as letras admirados. Aquele era um conceito que Zafira era capaz de entender, por mais absurdo que fosse um livro ter tal desejo. Tão absurdo quanto um objeto ser capaz de falar.

E influenciar.

Ela não era idiota. Sabia que os sussurros do Jawarat brincavam com ela, e quanto mais o escutava para descobrir o que ele queria, mais perigosas suas ações se tornariam. A situação a deixava cautelosa, porque agora Zafira segurava mais do que um arco nas mãos: não era somente o destino azarado de um cervo ou uma lebre, mas o futuro de Arawiya. Os corações que antes pertenceram às daama Irmãs da Antiguidade.

O único problema era que não conseguia parar de ouvi-lo.

No convés, os gritos roucos dos zarameses não estavam altos por causa do caos ou do medo. E quando as vibrações pararam, ela franziu o cenho diante de tantos rostos alegres e sorrisos cansados.

— Que barulho foi aquele? — perguntou, acima do barulho do vento.

— A âncora — respondeu Nasir, distante, enquanto Zafira localizava o motivo do ruído.

A orla do mar se arrastava preguiçosamente ao longo da costa cor ocre. Dunas espiralavam à distância, a areia pintando o nascer do sol no horizonte com pinceladas douradas que a faziam se lembrar do ondulado do cabelo de Deen e dos cachos de Yasmine, esvoaçando de um lado para o outro com o vento.

Zafira engoliu em seco ao se lembrar dos amigos, uma mistura de medo e saudade. Queria ver Yasmine, dizer-lhe que lamentava muito não ter conseguido salvar o irmão da amiga. Que lamentava muito não ter amado o suficiente. Ainda que estivesse desesperada para reencontrá-la — e Umm e Lana —, não podia negar sua apreensão.

— A Fortaleza do Sultão. A cidade que não pertence a ninguém, mas comanda a todos — anunciou Jinan.

Toda criança em Arawiya conhecia a Fortaleza do Sultão. Elas estudavam os mapas na escola, liam a história nos papiros. Antes de Arz surgir, um porto movimentado contornava a cidade, e a vida se desdobrava na costa: barracas cobertas de tecidos coloridos, janelas abobadadas em sequência, minaretes cortando os céus.

Tudo aquilo ainda estava lá, porém mais sombrio e sem vida. Somente os fantasmas viviam ali, exceto pelo falcão preguiçoso planando em círculos acima da cidade.

— As pessoas escolheram ter medo de Arz em vez de ter medo do sultão — explicou Nasir.

Zafira conseguia enxergar na cena à sua frente, bem ao longe, os sinais de vida: a agitação da areia, onde se erguiam os minaretes obscuros, e o burburinho do dia carregado pela brisa.

— Não vai demorar muito até o povo voltar para cá — disse Kifah, e a Bruxa de Prata se juntou a eles. — Agora que Arz desapareceu.

De fato, a floresta de Arz havia desaparecido.

Ela deixara um rastro de desordem: sarças e galhos, pedras e carcaças. Mal se passara uma semana desde que a

maldição de Arawiya fora quebrada, mas a areia já estava engolindo os destroços da floresta. Não se via mais as árvores sombrias. Era quase como se tivessem se retraído para dentro do solo, agora que as garras de Sharr — ou talvez do Leão — desapareceram.

— Não há nenhum animal à vista, Caçadora — provocou Kifah. — Estou começando a achar que você era uma lenda.

— Eles já devem ter fugido para o interior — comentou a Bruxa de Prata.

Zafira sabia que Arz havia desaparecido desde que retiraram os cinco corações das árvores enormes em Sharr. Desde que o Leão roubara um deles e a zumra fugiu, deixando Altair para trás. O avanço constante do navio havia sido um lembrete de que Arz, aquela eterna tumba invasora, aquela floresta escura e indomável que transformara Zafira em quem ela era, fora derrotada.

Ver sua ausência, porém, era diferente. O fim da floresta abriu um buraco vazio dentro dela. As palavras cortantes da Bruxa de Prata a perfuraram mais fundo, e Zafira estremeceu diante da quietude no ar. Da mudança.

Quem sou eu?, perguntou para o mar. As águas sussurraram uma resposta que ela não conseguiu compreender, e se lembrou de outro momento parecido com aquele, quando estava parada na costa, entre pedras pretas e lisas.

Ela viu Yasmine em seu vestido azul-claro, acenando um adeus. A preciosa Lana, grudada ao lado dela. Misk assentindo em despedida, um espião de quem ninguém suspeitara ou jamais suspeitaria, se Benyamin não tivesse contado a Zafira em Sharr. As palavras ameaçadoras do safi sobre Demenhur ecoavam em seus pensamentos. Sobre o sultão estar de olho no segundo maior exército de Arawiya para controlar o califado como fizera em Sarracena.

— Devíamos ter ido primeiro para Demenhur — disse ela, pela milionésima vez. Nasir seguiu-a até o escaler com os corações, e como não queria soar tão egoísta quanto se sentia, Zafira acrescentou: — Para pedir ajuda ao califa. Quem sabe onde o Leão pode estar?

Com uma onda de culpa, ela desviou os olhos da pequena caixa de madeira. Será que era egoísmo pensar em sua família? Querer conferir se estavam seguros? Será que era egoísmo escolher restaurar os corações moribundos e não sua família?

— Quem oferece a moeda é que gira o timão — recitou Jinan.
— As instruções do Effendi Haadi foram de trazê-los para cá.

Ele está morto, pensou Zafira, mas não o disse. Suspirou e entrou no escaler. Cada parte dela ficou alerta quando o joelho de Nasir roçou o seu enquanto ele se acomodava à frente de Zafira. *Recomponha-se*.

Os dois iam até a Fortaleza do Sultão, onde as pessoas se curvavam aos pés dele e uma coroa seria colocada em sua cabeça. A morte era sua companheira e a escuridão estava sob seu comando.

Ainda assim, Zafira perdeu o fôlego quando o sol tênue reluziu no cabelo dele, quando ele pegou o remo e uma lembrança perdida crispou o canto esquerdo de sua boca, enrugando sua pele como a embalagem de um doce.

Então, ele olhou para ela e Zafira desviou o olhar, atraída por um vislumbre de prata no convés do navio de Jinan enquanto o escaler descia para o mar. Ela se deu conta de que era ali que se separariam da Bruxa de Prata.

Anadil inclinou a cabeça, e Zafira ficou surpresa ao se dar conta de que sentiria falta dela. *Só um pouquinho*.

A Bruxa de Prata fitou o filho nos olhos em despedida, e Nasir sustentou aquele olhar, retesando a boca. Ele mantinha todas as emoções sob rédea curta, escondidas atrás do cinza de seus olhos.

O escaler encostou no mar calmo sob a sombra da figura de proa: um pássaro de bico curvo, banhado em ouro e pelo sol, com asas cheias de penas que se transformavam em chamas. Uma fênix. Acima das velas esvoaçava uma bandeira verde-água com o brasão de Zaram: um machado dourado e três gotas de sangue. Os remos giravam em um ritmo constante nas águas azuis, embalando-os na calmaria, até que Jinan começou a tagarelar, a tripulação tão ansiosa quanto ela para falar de tudo e nada ao mesmo tempo.

— Como uma garota tão pequena consegue falar tanto? — perguntou Kifah por fim, com uma exaustão quase cômica.

Zafira não ouviu a resposta de Jinan. Conforme avançavam em direção à costa, um calafrio percorreu sua espinha. O ar estava pesado, um alerta, e um caçador — uma *caçadora* — sempre escutava os sinais da terra.

— Tem algo errado — murmurou ela.

Kifah batucou a lança na coxa e balançou a cabeça.

— O que nós temos a temer? Somos espectros, corrigindo erros. Não vamos deixar que nada nos impeça.

— Palavras bonitas nunca salvaram ninguém da morte — comentou Jinan, quando o escaler encalhou na areia da praia.

— É uma pena que você não tenha conhecido Altair — respondeu Kifah.

Zafira saiu primeiro, mas seu desconforto só aumentou com uma série de arrepios percorrendo seus braços. Ela tirou um dos pés da areia com um estalo molhado. A tripulação começou a remar de volta até o navio, despedindo-se em voz alta. Jinan, tão distraída quanto seus marinheiros, esticou as pernas.

— Eu adoro estar sobre o mar, mas seria mentira se eu dissesse que isso não é bom.

— Akhh, passarinha. Você está parecendo um velho — disse Kifah. Agora que estava livre dos confins do navio, havia certo entusiasmo em sua voz. — Ei, por que você não voltou junto com a tripulação?

— Sinto dizer, mas você ainda vai ver bastante a minha figura baixinha até que me deem a minha prata. Enquanto isso, minha tripulação levará a bruxa até o Arquipélago de Hessa, depois darão meia-volta. Não sei se dá para confiar no dinheiro de uma bruxa, mas a oferta era boa demais para recusar.

— O que vai fazer com tanta prata? Comprar um banquinho?

— Silêncio — ordenou Nasir, e Zafira pegou o arco de imediato. A sensação da corda tensa era familiar e bem-vinda. Kifah girou a lança e, por precaução, Nasir colocou a caixa de madeira sob um dos braços e sacou a cimitarra com o outro.

A luz do sol cintilava na areia agitada e nos prédios abandonados. Zafira não viu as figuras encapuzadas até que algo espetou seu pescoço e o mundo escureceu.

O marasmo que se instaurou depois do barulho ensurdecedor da âncora atracando o navio foi pior do que qualquer silêncio que Altair já escutara. Pior do que a quietude após a unção de um cadáver recente. Pior do que o silêncio depois de uma oferta ter sido recusada.

Ou talvez isso fosse pior. Como poderia saber? Ninguém nunca recusava nada para um homem como ele.

De imediato, Altair reconheceu as areias escuras e o céu sombrio de Sarracena. Embora agora estivesse mais claro e a areia menos escurecida, aquele era o paraíso perfeito para um ifrit. Um pressentimento se misturou à fome em seu estômago. Como será que sua mãe se sentira quando fugiu de Sharr, depois que as Irmãs foram derrotadas e o Leão, aprisionado, com um novo fardo crescendo em seu ventre? Qual teria sido a sensação de assumir uma nova identidade, de contar aos filhos que tinham sangue safi, uma junção de linhagens inferior à rara si'lah?

Altair amarrou esses pensamentos e os trancafiou.

Desceu a prancha, seguindo o Leão, balançando os braços para frente e para trás, fazendo as correntes tilintarem alto o bastante para acordar todos os mortos até Zaram. Ele era a imagem do abandono ao observar as casas decrepitas perto da costa, procurando ajuda enquanto o isolamento penetrava seus ossos.

Nada. Ninguém. Eles ainda não chegaram, ou estariam ali. *Não estariam?* Altair sabia que Nasir e os outros estavam a caminho da Fortaleza do Sultão, mas ainda assim... Se *ele* tivesse perdido um de seus homens, rodaria o mundo inteiro até encontrá-lo.

— Eles não estão aqui.

Altair levou um susto ao ouvir a voz do Leão. Ele segurava um pedaço de pão pita na mão estendida. A outra metade estava na outra mão, separada para o próprio Leão. Somente Nasir dividia a comida com uma simetria tão perfeita.

— E ainda assim, seus olhos continuam vasculhando o horizonte atrás daqueles que nunca virão.

O marulho das ondas continuava. Elas açoitavam a areia, procurando ansiosas por segredos que levariam até novas praias.

— Sou um general — respondeu Altair por fim. Aceitou a comida com cautela e hesitação, a fome aplacando o orgulho.

— A vigilância é um hábito.

— Vamos encontrá-los, não se preocupe — murmurou o Leão. — Se não vierem até nós, iremos até eles.

— E como pretende fazer isso? — perguntou Altair, cansado.

— Com o seu sangue e o meu. Dum sihr. Existe um feitiço que imita o da Caçadora. Só preciso encontrá-lo — explicou o Leão, franzindo o cenho diante do trocadilho impensado.

Altair desceu da prancha aliviado. O deserto estava longe de ser um chão firme, mas não balançava como o mar nem dava guinadas como as ondas. Entretanto, era estéril. Não havia *nada* a quilômetros e quilômetros. O vazio pressionou seu peito.

— Por quê? — perguntou o Leão de repente, a curiosidade o fazendo inclinar a cabeça. Um raio de sol se estendeu, fazendo as linhas pretas de sua tatuagem brilharem, iridescentes.

— Você não tem nome. Não tem trono. Arawiya nunca te deu nada, e você deu tudo para o reino.

Com que objetivo?, era o que o Leão queria saber.

Já fazia muito tempo que Altair sabia que nunca seria rei. Sua mãe o escondeu nas sombras por tempo demais. Nem uma única vez ela chamou de filho o garotinho que vivia ao seu lado. Nem uma única vez compartilhou alguma refeição com ele ou segurou sua mão.

Era muito doloroso olhar para ele, a encarnação de seus pecados.

Décadas depois, Ghameq foi escolhido para sucedê-la, o primeiro mortal a reivindicar o trono. O destino de Altair, porém, fora selado muito antes disso, quando o herdeiro deles nasceu: de cabelos escuros e olhos cinzentos. Um garoto cheio de promessas e propósitos, até ser transformado em um assassino.

Altair imaginava que até poderia ter ficado com ciúmes, se fosse diferente e se importasse com o trono, se não soubesse que aquela cadeira dourada carregava os próprios desafios e tribulações.

Ele, porém, era observador.

Às vezes, sua mãe olhava para as sombras, não para verificar se ele ainda estava ali, mas para se certificar de que estava seguro. Ela permitiu que ele tivesse os quartos mais refinados do palácio e a liberdade de um príncipe. Garantiu que seus tutores e treinadores fossem os melhores. Eram migalhas de amor, mas cada pedaço que ela lhe oferecia fazia o coração dele bater mais rápido, ensinava-lhe o valor do sentimento e de seus artifícios.

Altair amava Arawiya e, como não havia ninguém para amá-lo, amava a si mesmo. O suficiente para dedicar sua vida a conquistar esse amor, a garantir que não fosse o fardo que a mãe enxergava.

— Acha que ela quis escondê-lo de mim? — perguntou o Leão, e a falta de desdém na voz fez Altair parar.

Desta vez, o *ela* se referia à Bruxa de Prata, mas Altair não achava que a mãe temia o Leão daquele jeito. Não até ele cravar as garras em Ghameq.

— Não adiantou de nada — respondeu Altair, inclinando-se para trás e afundando os calcanhares na areia.

O fantasma de um sorriso cruzou as feições do Leão.

— É verdade. No fim das contas, ela abandonou você assim como eles. Benyamin também, até certo ponto. Ele escolheu o príncipe quando pulou.

Altair estava acostumado a ser o segundo em tudo. Dizia para si mesmo que não se importava.

Então por que tinha a sensação de que facas dilaceravam seu coração? Por que as veias em seus braços estavam tensas contra a pele em um fervor repentino?

— E você me escolheu? — zombou Altair. — É disso que se trata? Se tivesse me escolhido, eu não estaria acorrentado como uma fera.

O Leão baixou os olhos cor de âmbar para as correntes, pensativo.

— Então talvez seja hora de formarmos uma nova aliança.

Altair o encarou, ignorando a vibração no sangue, o zumbido. A sensação que acompanhava a mudança, o sentimento de ser... necessário.

— A vingança não me agrada, Baba.

O Leão ponderou suas palavras, fitando o filho enquanto o sol se erguia mais alto no céu e os ventos sopravam entre os dois.

Então se virou, e Altair mal conseguiu ouvir a ordem em voz baixa — “saíam do caminho” — antes de uma rajada de escuridão passar depressa por ele, lançando-se sobre Sarracena. Era a horda em sua verdadeira forma. Criaturas metamorfos, disformes, de fogo sem fumaça, algumas com asas, garras e livre de limitações humanas.

O Leão sorriu.

— Avancem, irmãos — ordenou em voz baixa.

Altair não sentiu orgulho de sua admiração.

— Arawiya é nosso.

A morte é quem controla o medo dos vivos. *Viva como se fosse a própria morte. Controle-a como se fosse seu mestre. Não dependa de ninguém, pois até mesmo sua sombra o abandonará no momento mais sombrio.*

No fim das contas, não foi a morte que despertou o medo em Nasir, pois sua mãe lhe ensinara boas lições. Foi a escuridão. O isolamento que ela trazia consigo, lembrando-o de que ele estava sempre sozinho. A maneira como ela roubou sua visão, um abismo que contava a história de um pesadelo.

Um garoto, uma coroa de prata rodeando sua cabeça, acorrentado pelas sombras.

Um sol, engolido inteiro por mandíbulas enormes.

Uma garota, cabelo preso em forma de uma coroa tão majestosa quanto a de uma rainha, o fogo no gelo de seus olhos fazendo-o se ajoelhar.

E uma voz, que dizia: *não precisa temer a escuridão quando é possível se transformar nela.*

Nasir acordou com a luz da noite em seus olhos, a poeira se agitando com sua expiração e o latejar fraco de uma picada de agulha em seu pescoço. Afundou os dedos no tapete sob seu corpo, tecido com a melhor lã de ovelha, e reparou no brilho resplandecente do chão de pedra. Nada daquilo lhe era familiar, mas onde quer que estivesse, havia dinares de sobra.

Assim como audácia, pelo visto. Sequestrar o Príncipe da Morte não era um ato a ser encarado com leviandade. Não esperava ser recebido de braços abertos na Fortaleza do Sultão, mas também não esperava arrumar problemas *tão cedo.*

Zafira se mexeu, as roupas farfalhando. Seu penteado se desfazia na lã branca, e o subir e descer de seu peito o levou ao limite. O tapete embaixo dela se transformou em lençóis de

qutn no Palácio do Sultão. A coroa de trança em seu cabelo se transformou em uma coroa de prata e um xale de seda. A respiração de Nasir ficou trêmula.

Não era de seu feitio sonhar. Desejar.

Durou apenas milésimos de segundos, mas ela o encarou de volta com fogo em seu olhar encoberto, como se soubesse o que o atormentava. Como se tivesse mil e uma perguntas para fazer, mas fosse culpa dele que o silêncio as aprisionasse. Aquelas quatro palavras se transformaram em um dia, estenderam-se até o nascer da lua, crescendo sem parar, uma coisa feia que apodrecia com o passar dos dias. *Isso não significa nada.*

Nasir nunca fora bom com palavras, mas não esperava começar a lamentar tal fato.

Kifah gemeu do outro lado dele, e Nasir desviou os olhos primeiro enquanto ela se sentava, sem saber ao certo por que estava tão irritado. Flexionou os pulsos livres. Suas botas desapareceram, assim como as dos outros. Era costume tirar os sapatos dentro de casa, mas não que *alguém* os removesse.

— Os corações! — gritou Zafira de repente, sentando-se.

Nasir virou rápido, batendo o cotovelo em uma caixa ao seu lado. *A caixa de madeira.* Abriu a tampa com tudo, soltando um suspiro pesado ao ver todos os quatro órgãos pulsando ali dentro. Sua desconfiança triplicou.

— Ei, onde está Jinan? — perguntou Kifah, observando o cômodo amplo com uma ansiedade crescente: os assentos majlis nivelados com o chão, as almofadas pouco gastas, como se os habitantes daquela construção nunca se sentassem por muito tempo. Havia mapas e papiros antigos espalhados, cálamos, um astrolábio e anotações inacabadas. Estantes estavam alinhadas na parede oposta, cheias de livros e artefatos antigos que pareciam correr o risco de se desfazer. Uma única porta estava ao lado, fechada.

A capitã zaramesa não estava à vista.

— Este lugar... — disse Kifah, devagar, baixando a voz. — Faz eu me lembrar de casa.

Aquele desconforto era um lembrete de por que a tinta dos eruditos pelusianos não cobria seus dois braços.

Zafira se ergueu com uma agilidade que sempre fazia a garganta de Nasir se fechar, e ele reparou a rapidez com que ela alcançou a bolsa para verificar se o Jawarat ainda estava ali. *Que livro sortudo.*

Ele abriu as cortinas de uma das janelas estreitas e olhou para o exterior: tamareiras, jardins bem cuidados, a beirada ornamentada de um edifício largo. Não conseguiu ver muita coisa, mas não estavam nas favelas. O palácio não devia estar muito longe dali. Seu *pai* não devia estar muito longe dali, controlado por um medalhão e um monstro.

— Sequestrados — disse Kifah, a voz meio alta. — Justo isso, entre tantas coisas que podiam ter acontecido na Fortaleza do Sultão.

— Você sabe onde estamos? — perguntou Zafira.

Nasir demorou para perceber que a pergunta era direcionada a ele, os olhos gélidos pegando-o desprevenido. Rimaal, ele estava ficando sensível.

— Não conheço o interior de todas as casas na Fortaleza do Sultão — respondeu ele, um pouco ríspido demais.

— Se conhecesse, eu me perguntaria se você era mesmo o príncipe ou uma governanta ambiciosa.

Nasir cerrou o punho, agarrando o vislumbre de uma sombra.

— Não, não sei onde estamos.

— Não foi tão difícil, foi? — Zafira abriu um sorrisinho satisfeito e uma rachadura no peito dele.

— Homens são como peixes — comentou Kifah, o tremor em sua voz denunciando seu desconforto.

— Reluzentes e com um cérebro pequeno? — questionou Zafira.

Depois de um instante, Kifah ergueu a caixa de madeira.

— Eu meio que esperava um comentário de Altair.

Aquela foi a deixa para Nasir, o lembrete que o impeliu: já haviam desperdiçado tempo demais. Tentou puxar a maçaneta de bronze da porta, mas parou ao descobrir que estava destrancada.

— O Leão pode estar lá fora — alertou Zafira. Ela ergueu o arco e gesticulou para a espada dele e a lança de Kifah. — Jinan

desapareceu. Estamos livres, ilesos e deixaram nossas armas. Quem quer que esteja lá fora, não tem medo de nós.

Nasir ignorou a frieza de suas palavras.

O corredor curto se abria para uma sala mergulhada na luz da noite. O cheiro de carne de cervo, ervas e pão quente invadiu seus sentidos, fazendo o estômago roncar. O som foi abafado pelo zumbido distante de uma melodia terrível e deprimente. Zafira enrijeceu, encolhendo os ombros.

O ar mudou quando alguém desconhecido inspirou. Em um intervalo de dois segundos, Nasir girou, empurrando a ponta da lâmina de sua manopla contra a garganta do estranho.

— Peço desculpas por tomar as liberdades para as precauções necessárias.

Benyamin, disse a parte adormecida de seu cérebro, conjurando olhos cor de âmbar e um sorriso felino, mas embora as palavras tenham sido pronunciadas de maneira desnecessariamente lânguida e com certeza pertencessem a um safi, o tom não era tão inteligente.

Muito menos o estranho preso pela lâmina na garganta. Ele mal pareceu notá-la, e Nasir se sentiu um idiota quando a luz capturou as duas argolas de ouro no topo da orelha alongada.

A pele do estranho era tão escura quanto a de Kifah, um marrom suave evidenciado pela tatuagem dourada que contornava seu olho esquerdo. Nasir relaxou um pouco ao vê-la, até distinguir melhor a tatuagem: “nuqi”. Significava “puro”. Um lembrete de que nem todos os safis eram amigáveis como Benyamin. Muitos valorizavam a tal pureza da raça e sua perfeição, menosprezando todo o resto. E como se não bastasse a tatuagem orgulhosa, o thobe de gola alta do safi ostentava tecidos em tons de creme e dourado, com a maioria dos botões abertos exibindo seu torso.

— Podia ter desabotoado tudo — murmurou Kifah atrás de Nasir, baixo demais para ser ouvida. Por um humano.

— Posso fazer isso, se quiser — falou o safi devagar, e Nasir quase arriscou sua dignidade para ver o constrangimento estampado no rosto dela. — Um príncipe vai até Sharr e volta

como um selvagem. Não posso dizer que estou surpreso. Por acaso isso é jeito de tratar seu anfitrião?

— Um anfitrião não aprisiona seus convidados — comentou Zafira.

— Ainda assim, aí está você, mortal. Livre e ilesa — disse ele, repetindo as palavras que ela dissera mais cedo. Com as costas de dois dedos, o safi tocou a corda que prendia a metade de sua barba escura. Era do mesmo tom do seu turbante cor de marfim.

— Então onde está a garota zaramesa que veio conosco? — perguntou Kifah.

— Voltou para o mar, imagino. Assim que recebeu a quantia ridícula de prata que lhe fora prometida, ela foi embora sem olhar para trás. O que vocês esperavam de uma zaramesa?

Nasir sabia como era o trabalho das pessoas que ansiavam pelo dinheiro. Elas enchiam os bolsos e lhe davam as costas, sem se importar se seu empregador morrera ou não em uma ilha maligna.

— E quem é você? — perguntou Kifah.

— Seif bin Uqub — respondeu o safi. Com tal declaração, sua amabilidade quase inexistente desapareceu por completo. — Afaste-se, príncipe. Você até pode ter sangue real correndo em suas veias, mas já decapitei pessoas por menos.

O silêncio retumbou com a promessa de uma carnificina. E teria acontecido uma, se Nasir não tivesse viajado até Sharr. Se não tivesse encontrado um irmão naquele lugar, amigos, e uma certa caçadora de olhos azuis, que o encarava com uma ordem no olhar. Ele trincou os dentes e baixou a manopla, lançando um último olhar ao safi, depois recuou e se posicionou entre Kifah e Zafira.

— O que você quer? — perguntou Nasir.

— Onde está Altair al-Badawi bin Laa Shayy?

Filho de ninguém. O que um safi queria com Altair?

— Você quis dizer Benyamin? — perguntou Kifah, enfim causando uma reação naqueles olhos desconcertantes. Eram de um tom pálido de dourado, tão claros que se misturavam de maneira assustadora ao branco das íris. — A tatuagem — explicou ela, a

lança ainda erguida. — Benyamin também tinha uma. Você faz parte do círculo dele de safis.

— Safis da *alta classe* — corrigiu ele, como se algum deles se importasse com as famílias mais antigas de Arawiya: ricos, influentes e eruditos. — Nós temos sangue antigo. Liderados por Benyamin, protegemos os segredos de Arawiya e aconselhamos Alderamin e outros califados, até nos dispersarmos quando ele trouxe um traidor para o nosso grupo. O Círculo do Alto Escalão se reuniu outra vez, faz pouquíssimo tempo, sob o comando de Altair al-Badawi.

Algo travou no peito de Nasir.

Altair reunira o grupo? Aquilo significava que Benyamin fora até Sharr por causa de Altair, e não o contrário, como Nasir havia presumido. Aquilo significava que Benyamin era a aranha de *Altair*. Assim como a garota na taverna, Kulsum, e talvez até Jinan.

Por um instante, a mente de Nasir ficou vazia, abrindo caminho para suas lembranças de Altair, agindo sempre como um bêbado e um galanteador. Quase deu risada de sua ignorância, daqueles sentimentos que esmagavam seus pulmões.

Óbvio que era Altair. Não havia outra pessoa com uma posição privilegiada ao lado do trono de Arawiya. Não havia outro general com liberdade para transitar entre os califados. Altair vinha controlando tudo desde o começo. Ele havia tecido uma rede meticulosa de segredos e mentiras sob o disfarce de sorrisos despreocupados e palavras persuasivas. Não havia outra pessoa cujos suspiros eram todos deliberados.

Altair havia planejado tudo, até mesmo ser uma peste junto ao sultão para garantir que fosse mandado com Nasir para Sharr. Nasir lutou contra o nó na garganta. Quem era ele para sentir orgulho de um idiota como o seu meio-irmão? *Você o ama*. Ele partiu aquele pensamento ao meio.

Rimaal, e eles ainda deixaram Altair e sua tempestade infinita de segredos com o Leão da Noite.

— Mesmo assim, nenhum dos dois está presente, e você, príncipe, não é quem eu gostaria de ver.

— Que eu me lembre, foi você quem me atacou e me trouxe para cá. Poupe-me do seu ódio — retrucou Nasir em voz baixa.

— Seif — alertou uma voz diferente.

Uma outra safi entrou na sala em um turbilhão de cor-de-rosa pálido.

— Marhaba, meus amores — disse ela com um sorrisinho. — Que felicidade ter vocês aqui. — A voz dela parecia ter saído direto de um sonho, abstrata e melodiosa. Seus olhos grandes e castanhos poderiam passar uma impressão inocente, se as orelhas alongadas e a tatuagem específica que contornava seu olho esquerdo não tivessem dedurado sua senioridade. Maçãs do rosto altas emolduravam sua face, e pérolas estavam entrelaçadas nos cabelos castanhos soltos. Ela era a criatura mais bela que Nasir já vira. — A companheira de vocês foi embora assim que lhe demos o pagamento. Agora está a caminho do Arquipélago de Hessa, com Anadil.

Parecia que alguém havia mudado os planos, mas Nasir admitia que estava mais tranquilo ao saber que a capitã do navio levaria sua mãe ferida até o Arquipélago.

— Infelizmente não tenho à mão os recursos para curar uma ferida causada por minério amaldiçoado, do contrário, eu mesma poderia tê-la tratado — acrescentou a safi.

Nasir arqueou as sobrancelhas, mas não havia vestígio de orgulho na voz dela, apenas um pragmatismo que não era comum aos safis.

— Perdoe-nos pela maneira como recebemos vocês. A cidade não é mais segura, e a discrição é de máxima importância.

— Por acaso alguma vez a Fortaleza do Sultão esteve segura? — questionou Kifah, e Nasir a encarou. Ghameq era muitas coisas, mas nunca fora um alarmista. Era por isso que um assassino como Nasir era tão útil.

— Mais segura do que agora — disse a safi, concordando com o argumento. — O sultão anunciou um aumento grande de impostos, e existe um burburinho sobre uma rebelião, já que as pessoas estão ficando inquietas. A Guarda do Sultão está à espera, e a cidade está ansiosa. Ultimamente, até Sarracena está melhor.

Antes que Nasir pudesse perguntar por que deveriam confiar nela, ele viu: um aro preto simples em sua testa. Já vira aquilo antes, em um safi com sorriso felino e sábios olhos cor de âmbar.

Assim que a melodia melancólica alcançara os ouvidos de Zafira, ela voltara àquele lugar, à varanda dourada em Alderamin.

— É você, não é? — perguntou ela, e se sentiu relaxar pela primeira vez desde que saíram do navio de Jinan. — A esposa de Benyamin.

— Não suje o nome dele com a sua boca mortal — criticou o safi que se chamava Seif, e Zafira precisou conter a vontade de rosnar para ele. A beleza não era tudo na vida. — Olhe para eles, Aya.

— Gostaria que eu soletrasse o nome quando falasse dele? — retrucou Zafira. Olhou diretamente nos olhos da esposa de Benyamin. Os olhos de Aya. — Eu ouvi sua voz. Quando... Quando Benyamin andou nos meus sonhos.

— Ele andou com você? — perguntou ela, surpresa, inclinando a cabeça.

De repente, Zafira sentiu que havia feito algo errado. Benyamin estava certo: Aya era a criatura mais bela que Zafira já vira. Também havia algo etéreo e onírico em relação a ela, que fazia a pessoa se distrair. Como se Aya existisse em um mundo diferente do deles.

— Quando saiu de Alderamin, a única coisa da qual ele falava era sobre conseguir andar em sonhos de novo. Ele e Altair tinham certeza de que a magia e o motivo da ruína de Arawiya seriam encontrados em Sharr, pois foi lá que tudo começou. Nós nos separamos em Pelúsia. Ele permaneceu lá a fim de procurar ajuda de uma das integrantes da Nona Elite. Seif e eu viajamos até Demenhur para encontrar você, embora você já tivesse partido quando chegamos. Quando Arz desaparecesse, ficamos de nos reunir aqui na Fortaleza do Sultão.

Benyamin, porém, não estava ali. Ele nunca estaria ali.

Aya tentou, mas não conseguiu abrir um sorriso para eles.

Hanan, era o que dizia o antigo safaítico em sua tatuagem. Significava, de maneira bem simples, “amor” — caloroso e tenro. Gentil. As letras contornavam seu olho, confortáveis na pele dela.

O *tec, tec, tec* da lança de Kifah preencheu o silêncio repentino, e Zafira não conseguiu se obrigar a falar, a responder à pergunta silenciosa de Aya, pensando em Umm e Baba. Como alguém aceitaria a morte de um companheiro que havia amado durante séculos?

— Ele está descansando junto com as Irmãs da Antiguidade — respondeu Nasir por fim, e Zafira estremeceu ao ouvir a ternura em sua voz.

Aya começou a chorar baixinho. Seif ficou paralisado, a surpresa enregelando seu olhar.

— Ele... teve uma morte nobre.

— Nobre? — retrucou Seif, e Nasir se encolheu, sem dúvida lembrando *por que* o safi havia morrido. — A morte é uma piada inevitável para a sua espécie. Somente os mortais decoram cadáveres com títulos. Está ouvindo como eles falam do seu amado, Aya?

Se Zafira tivesse que adivinhar o que Seif amava mais do que a si próprio, chutaria a palavra “mortal”.

— Lembra como *você* falou dele, Seif? Como o Círculo do Alto Escalão rejeitou o meu amado quando ele agiu pela bondade de seu coração? — perguntou Aya baixinho. Os olhos dela se fecharam, e ela respirou devagar pelo nariz. — Como? Como Benyamin teve... uma morte nobre?

Nasir chafurdou no silêncio, a agitação ardendo em seus olhos.

— Ele saltou na frente de um cajado de minério amaldiçoado — respondeu Zafira no lugar de Nasir.

Ela não disse que o cajado pertencia ao Leão da Noite, a quem Benyamin certa vez demonstrara compaixão, perdendo o apoio de seu povo ao fazê-lo. Não parecia certo, ainda mais quando estava claro que Seif continuava o desprezando

por aquela decisão. Laa, Zafira não mancharia o legado de seu amigo daquele jeito.

— Não teríamos conseguido atravessar Sharr sem as orientações dele, e não teríamos conseguido sair da ilha sem seu sacrifício. — Ela mordeu a língua. Benyamin era seu amigo. Seu guia e mentor. Ela não sabia como Aya mantinha a compostura quando Zafira ainda estremeceu diante daquela perda. — Ele se sacrificou por Arawiya.

Zafira ignorou a inspiração pesada de Nasir, porque era verdade. Benyamin havia confiado na zumra para concluir aquela jornada. Ele acreditava na capacidade deles, ou não teria feito o que fizera, certo? Porque, assim como Altair, as intenções de Benyamin sempre tinham um propósito, embora suas ações parecessem ser mais pelo coração.

Ela também não disse que Benyamin havia morrido ao salvar o príncipe que Arawiya detestava e temia. O mesmo homem que ele desprezara por ser um príncipe sem o controle da própria vida. No fim das contas, Benyamin vira algo em Nasir. Algo pelo qual valia a pena sacrificar a vida.

Aya reprimiu um soluço.

— Altair ainda está vivo — continuou Zafira —, mas não está em condições melhores. O Leão da Noite o capturou.

Seif e Aya trocaram olhares.

— Haider?

— Ele mesmo. Seu bom e velho amigo está vivo e muito bem — respondeu Kifah em um tom seco. Quando reparou na testa franzida de Zafira, ela murmurou: — Esse é o verdadeiro nome do Leão. — Ela ergueu o braço tatuado. — Sou metade erudita, lembra?

Seif passou uma das mãos pelo rosto.

— Eu sempre soube que esse plano era muito duvidoso. Nunca deveríamos ter confiado em Altair...

— Já chega — interrompeu a voz baixa de Nasir. Zafira ficava maravilhada diante da magnitude alcançada pelos sentimentos do príncipe em relação a Altair. — Durante quanto tempo ele planejou tudo isso? Anos? Ninguém imaginava que o Leão da Noite estivesse vivo e à nossa espera. Nós encontramos o Jawa-

rat e os corações das Irmãs da Antiguidade. Travamos uma batalha contra o maior inimigo de Arawiya, e tudo o que você fez foi vagar de um lugar ao outro, então sugiro, safi, que morda a sua língua.

Seif cruzou os braços, e embora devesse ter mais de um século de idade, parecia uma criança petulante.

— Os corações delas? — perguntou Aya, em choque.

— Os corações eram o que iluminavam os minaretes reais e alimentavam a magia — explicou Zafira. Ao que parecia, todo mundo sabia que os minaretes eram iluminados por alguma coisa, mas não sabiam o que *era*. — E estão morrendo.

Kifah lhe lançou um olhar penetrante.

— O quê?

Zafira contou a eles o que descobrira com a Bruxa de Prata.

— Ei, espere aí. Como os corações das Irmãs estavam nos minaretes *enquanto* elas governavam Arawiya? — perguntou Kifah, franzindo o cenho.

Zafira não saberia responder, se não fosse pelo Jawarat. Levou um susto quando uma onda repentina de lembranças que não lhe pertenciam surgiu em sua mente.

— Elas não precisavam dos corações para viver.

Laa, os corações eram como joias para aquelas mulheres poderosas. Adereços que as tornavam mais fortes, e nada além disso. As Irmãs não precisavam deles para respirar, viver, sentir. Não como os homens e safis.

Podiam retirá-los com facilidade, como quando alguém tem um espinho na mão, e recolocá-los do mesmo jeito.

— O problema foi que, ao guardar os corações nos minaretes e não em seus próprios corpos, os poderes delas enfraqueceram — acrescentou Zafira, mais uma vez impressionada com o que as Irmãs sacrificaram pelo bem do reino. — Elas eram quase como nós.

Zafira se perguntou se a Bruxa de Prata alguma vez removera o próprio coração. Se ela era como as irmãs ou se amava demais seu poder para fazer isso.

Nasir demonstrava a mesma indiferença de sempre em relação à magia.

— A magia desapareceu durante noventa anos. Os corações podem sobreviver mais uma semana. Precisamos encontrar Altair primeiro.

Kifah apoiou a lança na parede cor de creme e ornamentada, e coçou a testa.

— Eu quero a magia de volta por motivos que nenhum safi compreenderá, mas concordo com o príncipe. Primeiro Altair, depois a magia.

Seif observou os dois.

— Os corações podem não aguentar.

É verdade, disse o Jawarat. Os órgãos tinham dois lares: as Irmãs e os minaretes reais criados por elas.

— Como disse Nasir, eles sobreviveram em Sharr durante quase um século — argumentou Kifah.

Ainda estavam, porém, dentro das Irmãs. Elas se transformaram naquelas árvores gigantescas em Sharr, as guardiãs do Jawarat, protetoras de seus corações, mesmo enquanto os órgãos as sustentavam.

Era preciso guardá-los nos minaretes, ou eles virariam pó. Ainda assim, Zafira segurou a língua, com medo de parecer insensível. Também não queria deixar Altair nas mãos do Leão.

— Altair preferiria restaurar os corações — disse Aya, participando da votação.

Kifah olhou para Zafira, como se a resposta dela fosse dissuadir dois safis do antigo círculo de amizades de Benyamin. Casa. Era isso que ela queria, mas não podia tocar naquele assunto agora quando todos estavam sendo altruístas. Zafira fora altruísta a vida inteira. O que seria mais um ou dois dias?

— O que não expliquei antes — disse Zafira em vez disso — é que temos apenas quatro corações. O Leão está com o quinto.

As sobrancelhas de Seif se ergueram bem alto, irritando-a na mesma hora.

— Vocês perderam o quinto coração.

— Nós, Seif. E perdemos mais do que o coração de uma Irmã — afirmou Aya baixinho, lembrando-o, antes que Zafira, Nasir e Kifah pudessem quebrar o pescoço dele

ao mesmo tempo. *Pela neve*. Ela olhou para cada um de nós. — Não foi culpa de vocês.

— Nunca achei que tivesse sido — respondeu Kifah, ofendida.

— Restaurá-los é importante — continuou Zafira com calma —, mas quatro corações não nos darão nenhuma vantagem.

Aya soltou um suspiro profundo, ligando os pontos.

— A magia é para todos ou para ninguém.

— Mesmo que fosse possível, nenhum de vocês sabe usar magia — murmurou Seif em um tom esnobe.

Zafira sabia. Vinha usando magia muito antes de descobrir o que era.

— Cada coração de fogo irá incinerar o quilômetro que o cerca — continuou Seif.

— É certo que eu não era nascida quando a magia existia, mas até eu sei que ela é instintiva — disse Kifah. — Precisamos aperfeiçoá-la, mas também não iremos vagar por Arawiya com as bexigas soltas.

— Não havia outra analogia? — perguntou Seif.

Kifah revirou os olhos.

— Puritano.

— O Leão virá atrás dos outros corações — disse Aya, conduzindo a conversa de volta ao problema em questão. — Apenas um deles é inútil sem os outros.

Zafira sabia que aquele era um bom raciocínio, mas algo lhe dizia que os corações não eram a prioridade do Leão. Ainda não. Ela tirou o Jawarat da bolsa, passando os dedos pela juba do leão, o que a acalmou de imediato. Mesmo em Sharr, o objetivo do Leão havia sido o livro. Do contrário, ela duvidava que teriam escapado com todos aqueles corações.

Sua confiança é surpreendente, bint Iskandar.

— Arawiya não sabe quase nada sobre os corações — comentou Zafira. — As Irmãs guardaram esse conhecimento só para si.

— E agora esse conhecimento está no Jawarat — adivinhou Nasir.

Zafira assentiu, séria.

— O Leão virá atrás do Jawarat primeiro, pelo único motivo de o livro ser o que mais deseja: conhecimento.

Ainda que não tivesse visto a tatuagem que contornava o olho do Leão, a antiga palavra *'ilm* em safáitico gravada em bronze e dourado, ela continuaria tendo certeza do que dissera, pois Benyamin lhes contara. Era a coisa que o Leão mais valorizava.

Seif olhou para o livro e estendeu a mão.

— Então o livro deve ficar sob uma supervisão rigorosa.

Não, bint Inkandar.

Mesmo sendo um livro imortal, ele tinha a capacidade de parecer uma criança birrenta.

— Acha que não vou proteger a coisa que se vinculou a mim? Se algo acontecer ao livro, eu poderia morrer — gritou Zafira. — Sou mais do que capaz de mantê-lo a salvo.

Seif soltou uma risada.

— Você se *vinculou* a um hilya?

Zafira não fazia ideia do que era um hilya, mas o olhar no rosto do safi foi o bastante para que sua determinação vacilasse.

O safi respirou fundo, pronto para falar mais, porém Aya falou primeiro.

— *Já chega.* Proteja-o bem, Caçadora.

Zafira assentiu, sem saber se a sensação presunçosa de triunfo era dela ou provocada pelo livro feliz e aliviado em suas mãos.

Seif parecia ter mais a dizer, e pela maneira como seu olhar pálido analisou Aya rapidamente, Zafira imaginou que o comentário envolvia distorcer a culpa e jogá-la em Benyamin, o safi falecido que passara as últimas nove décadas se culpando pela traição do Leão, fazendo tudo o que podia para compensar pela catástrofe de suas boas intenções. Estava claro que ele até mesmo havia liderado a teia de Altair para protegê-lo, porque não teria sido fácil ser, ao mesmo tempo, um mestre espião e o braço direito do sultão.

Aya segurou o braço de Seif e o puxou para longe.

— Há mais uma coisa — disse Nasir devagar, fazendo-os parar, e Zafira percebeu que, seja lá o que ele fosse dizer, lhe

custaria sua preciosa dignidade. — O Leão controla o meu... pai. Se conhecerem safis de confiança, seria bom posicioná-los pela cidade. Perto do palácio, da Grande Biblioteca, de todos os lugares importantes.

O coração de Zafira hesitou com a menção a outro lugar que Baba havia desejado conhecer. A biblioteca era a história encarnada, pergaminhos e manuscritos que preservavam cada pedacinho de conhecimento que já significara alguma coisa. Ela se perguntou se o Leão se aproveitara de seu controle sobre Ghameq para usar tudo aquilo. Era bem provável. Não havia limites para a ambição.

Seif franziu os lábios e conversou com Aya tão baixinho que nem mesmo Zafira conseguiu escutar. Depois, ele foi embora sem olhar para trás.

Kifah arqueou uma sobrancelha.

— Por Guljul, eu achava Benyamin vaidoso, mas esse aí nem consegue se manter vestido.

— Isso não significa que você precise admirar — respondeu Zafira, e Kifah lhe lançou um olhar assassino.

— Seif é capitão da guarda real de Alderamin e cuidará de tudo. Peço desculpas, mas ele não é o mais amigável de todos nós — disse Aya. Ela gesticulou para a caixa de madeira com os corações, segurada por Nasir. — Até decidirmos o melhor plano de ação, vamos manter os órgãos por perto e nunca no mesmo lugar. A cada meio dia, trocamos a pessoa responsável por segurar a caixa. Temos que vigiá-la o tempo todo. — Ela fez uma pausa. — Benyamin admirava muito você. Ele e Altair fizeram o possível para impedir que Arawiya fosse destruído, assim como a sultana, embora nunca fosse o suficiente. Meu marido sempre dizia que o mundo deveria ser salvo pelas pessoas que mais foram prejudicadas por ele. A vida zomba de nós, não acha?

A morte, corrigiu Zafira em sua mente, porque ela era mortal. A morte zomba de nós.

Aya pressionou o dorso da mão contra a boca, mas deixou escapar um murmúrio mesmo assim. *Roohi.*

Do lado de fora, os últimos raios de sol banhavam o mundo em um tom escuro de dourado. Ninguém soube o que dizer naquele silêncio. Como será que era carregar o fardo de uma eternidade de tristeza? Eles sofreram a perda de Benyamin, mas nenhum deles conseguia imaginar o tamanho da dor de sua esposa.

Será que era assim que Zafira viveria o resto de seus dias, com o fardo da morte das pessoas que amava pesando sobre seus ombros?

— Okhti?

Zafira ficou paralisada. *Estou começando a ouvir coisas*. Nasir, porém, olhou para além dela, depois Kifah.

— O reino é, de fato, um lugar pequeno — disse Aya, com um sorriso gentil.

Não era possível que Lana estivesse ali. Ela estava em Demenhur, com Yasmine, Umm e Misk. Onde estaria segura. Zafira prendeu a respiração ao se virar, como se o simples fato de respirar fosse fazê-la perder a cadência delicada da voz da irmã.

Uma garota, pequena demais para ter catorze anos, estava paralisada no batente da porta, o xale escorregando por seu cabelo escuro. Ela era esguia e tinha sardas, olhos castanhos grandes, suaves e incrédulos, feições que Zafira podia pintar de olhos fechados.

Lana.

Zafira correu, o arco e a aljava caindo no chão de pedra polida quando ela se jogou para abraçar a irmã, enterrando o nariz em seu cabelo com um soluço entrecortado.

— Ya, minha doce irmã.

Lana deu risada enquanto lágrimas escorriam pelas bochechas. Zafira as afastou com os polegares. Deu um beijo em sua testa.

— O que está fazendo aqui?

— Esperando você — respondeu Lana com um sorriso tímido, enquanto os outros encaravam as duas. — Senti saudades, Okhti. Tenho me sentido tão sozinha.

— Mentirosa — provocou Zafira. Não achava que já se sentira tão feliz ao ver a irmã. — Deixei você em boas mãos. Você

estava com Yasmine e Misk, e tenho certeza de que Ummi não te deixou em paz. Fui eu quem...

Zafira se interrompeu ao ver Lana empalidecer. Ela recuou, o medo fazendo seu estômago se retorcer ao reparar no peso que a irmã parecia carregar, uma cautela que Lana não deveria ter que aguentar.

— O que houve? Lana, o que aconteceu?

— Ummi — respondeu ela, baixo demais. — Ela está morta. Faleceu no dia em que você partiu.

Nasir não ouviu o que a irmã dela disse, mas quando Zafira caiu de joelhos, com a jambiya embainhada batendo no chão, não era preciso explicar nada. *Vá até ela, seu idiota.* Seus pés criaram raízes, amarrando-o ao chão, e a caixa de madeira nos braços estava prestes a quebrar graças à força de seu aperto. A respiração de Aya saiu trêmula. Se mais tristeza preenchesse aquelas paredes, o prédio desabaria.

Kifah quebrou o silêncio, dando um passo à frente e o fazendo se sentir mil vezes pior.

— Zafira...

— Como? — sussurrou ela, puxando o xale do pescoço como se fosse o nó de uma forca.

Os olhos da irmã dela se arregalaram de medo e angústia.

— Lana — insistiu Zafira, erguendo a cabeça, e Nasir ficou surpreso com sua raiva. — *Como?*

— Okhti — sussurrou a garota, olhando para Nasir, Kifah e Aya. — *Aqui não...*

— *Me conte.*

Não era raiva, percebeu Nasir. Era uma tentativa de não perder a compostura, de não desmoronar. Zafira abraçou os ombros com força, embora ele tivesse percebido o movimento deles, o tremor que aumentava conforme os segundos passavam. Pensou em diminuir a distância entre eles, estender as mãos e afastar a tensão de seus ombros. Era isso que as pessoas faziam, não era?

Nasir apertou ainda mais a caixa. Não saberia dizer. Geralmente era ele que dava o golpe mortal, sem nunca ficar para assistir às repercussões. Altair saberia o que fazer e o que dizer, como devolver a ela a vontade de viver.

— Você se lembra de quando Arz voltou? — perguntou Lana. A garota tinha as mesmas feições delicadas de Zafira, mas enquanto as da Caçadora eram afiadas por sua cor mais fria, as da irmã mais nova eram calorosas, graças ao brilho cor de bronze dos cabelos. — Foi logo depois que você e Deen partiram.

Nasir cerrou a mandíbula ao ouvir o nome de Deen. Os ombros de Zafira caíram ainda mais.

— Os soldados começaram a tomar as ruas, em uniformes preto e prata, e... *máscaras*. Foi... As pessoas pararam o que estavam fazendo. Não conseguiam respirar, começaram a cair no meio da rua e se sufocaram até os pulmões pararem. Eu ouvi. Eu vi. — Ela olhou para Aya, depois baixou o olhar.

Os próprios pulmões de Nasir pararam de funcionar quando ele compreendeu as palavras da garota.

— Como isso é possível? — sussurrou Kifah.

— Era uma fumaça — murmurou Lana com uma voz aguda. — Destruí minha aldeia inteira. Eu vi as pessoas morrerem.

Naquele momento, Nasir nunca havia odiado tanto algo quanto odiava a si mesmo. Embora não tivesse ajudado a criar a fumaça, os gases que foram coletados em Sarracena, a culpa era de sua covardia. Da incapacidade dele de enfrentar o pai.

Kifah se agachou ao lado de Zafira. Aya foi até ela, passando uma das mãos no cabelo de Zafira. Lana segurou suas mãos.

Nasir permaneceu onde estava, com a caixa nas mãos, a verdade sobre os ombros.

Porque a culpa era dele. Havia matado a mãe de Zafira.